

## Catadores de caranguejo do Delta do Parnaíba:<sup>1</sup> estereótipos, lutas simbólicas e preconceitos (1960-2010)

Daniel Souza Braga<sup>2</sup>

Um dos grandes sucessos da teledramaturgia brasileira, sem sombra de dúvidas, foi à novela *Renascer*, produzida em 1993, escrita por Benedito Ruy Barbosa. Ela retratava um período áureo da economia nordestina que se deve, principalmente, à produção e valorização do cacau. O enredo é centrado em uma relação turbulenta entre pai e filho. Diante de tantos atrativos dramáticos sempre tem algum personagem caricato, engraçado, trágico – ou mesmo desgraçado – que acaba conquistando os “corações cordiais” dos brasileiros. Nessa obra não foi diferente, *Tião das Galinhas* (Osmar Prado) era um personagem apaixonante e envolvente, que acabou sendo “o porta-voz” das condições miseráveis de vários trabalhadores pelo Brasil à fora. Esse catador de caranguejo procurava, a todo custo, fugir do manguezal e imigrar para zonas de plantações de cacau com intuito de mudar de vida.

Uma das cenas mais emocionantes da novela ocorreu com o próprio *Tião* – no ato da cata do caranguejo – no mangue. A fotografia é sublime. O mangue, na sua imagem fria, solitária e, ao mesmo tempo, viva, pulsante. As raízes mais pareciam braços comprimidos e tortuosos que se enfiavam na lama de aspecto vetusto e melancólico. *Tião das Galinhas* em simbiose com o mangue, imbricados nas raízes, rastejando como um bicho da lama. A música de fundo é arrepiante. A novela procurou mostrar aos brasileiros como era o cotidiano de um catador de caranguejo que, para capturar o bicho crustáceo, é obrigado instantaneamente a virar bicho também. Um trabalho animalizante, sujo, asqueroso, que desagrada o próprio catador.

Os movimentos do trabalho foram fortemente reproduzidos; a dor e desolação eram presentes no Rosto de *Tião*, pois este sentia uma repugnância de seu próprio trabalho. O personagem começou a dizer a si mesmo: “eu não quero isso mais não. Eu não quero essa vida! Eu não quero!”, olha para o caranguejo e diz que não quer isso para eles também. E,

---

<sup>1</sup> Esse trabalho foi apresentado como exigência para conclusão do curso de Licenciatura Plena em História – UESPI/Parnaíba, defendida em 06 de fevereiro de 2013 com o título “Catadores de Caranguejo do Delta: história e memória (1960-2010)”, tendo como orientador o prof. Dr. Edson Holanda Lima Barboza. O texto foi articulado em três capítulos: O duro trabalho no mangue; história de vida e formação do Bairro Loquinhos; e Resistência, organização políticas e atuais lutas.

<sup>2</sup> Graduado em História (Lic. Plena – UESPI/ Parnaíba). Membro do Grupo de Pesquisa: Trabalho, Cultura e Migrações no Piauí (UESPI/ Parnaíba). Contato eletrônico: [danielphb.historia@hotmail.com](mailto:danielphb.historia@hotmail.com)

filosofando, a firma: “todos somos iguais nessa lama de vida”. Num gesto de revolta solta todos os caranguejos. Agarra sua mulher, jogando-a na lama fria e, num gesto de acasalamento crustáceo, implora-a para que o tire dessa vida. Eles juram fugir daquele inferno que é a vida desgraçada no mangue.

Esse discurso nos leva a compreender que a novela - *Renascer* - acabou criando uma imagem e representação a respeito do catador de caranguejo no imaginário social do brasileiro, entendendo o imaginário (BARROS, 2004, p.91) como um conjunto de imagens que são produzidas por uma sociedade, assim como um sistema de representações mentais, visuais, e simbólicas que perpassam épocas. “Se nós perguntávamos quem são esses trabalhadores?” a novela respondeu: São homens que vivem no duro e pesado trabalho no mangue, que se desumanizam no ato mimético de virar bicho, para, conseqüentemente, conseguir extrair da natureza o seu próprio sustento. Ao mesmo tempo, o ofício da cata do caranguejo foi retratado como uma atividade sofrida e desmoralizante, na medida em que, até o próprio catador *Tião* tem repugnância da atividade profissional que desempenha.

Já o drama dos catadores de caranguejo dos mangues do Capibaribe, de uma Recife decadente e desigual, foi retratado como muito estilo e realismo literário por Josué de Castro. A história que ele conta, é a história da seca, da fome, das privações, da miséria de uma sociedade de seres anfíbios que vegeta nas margens dos mangues do nordeste do Brasil. Josué cedo se deu conta deste estranho mimetismo: “Os homens se assemelhando em tudo aos caranguejos. Arrastando-se, acachapando-se como os caranguejos para poderem sobreviver. Parados como os caranguejos na beira da água ou caminhando para trás como caminham caranguejos” (CASTRO, 2010). O geógrafo pernambucano buscou diferenciar o homem do caranguejo. O mangue, a lama, foi feito para o caranguejo, enquanto a terra foi feita para o homem. Mas, se esse homem vive no mangue, acaba renegando sua natureza humana e se apropria de uma nova natureza crustácea, virando caranguejo, caminhando e arrastando-se como caranguejo para sobreviverem.

Homens e mulheres do mangue vivem a margem da existência humana. Por isso, são desprezados e excluídos do convívio social. Pois, são seres mimetizados em caranguejos. Uma série de imagens sobre esses trabalhadores e seu ofício foi assimilada pela sociedade. Esse trabalho, que consiste em entrar na lama, se rastejar, acabou sendo ligada a noções simbólicas associadas ao desprestígio. Como diz Pierre Bourdieu (1989; p.15) “O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível,

transfigurada e legitimada, das outras formas de poder”. Além das análises de estrutura e superestrutura social, o pesquisador deve ficar muito atento quanto às lutas simbólicas, que também, são de legítima importância para análise histórica. Diante disso, percebemos que existe um embate simbólico quanto à visão desprestigiada da figura do catador.

Os catadores de caranguejo usam técnicas corporais (MAUSS, 1974, p. 211) que são muito peculiares. O modo de andar, o ombro caído, um corpo torto e desnutrido. A pele queimada do sol escaldante, as unhas grossas, encravadas, sujas de lama. A destreza com que se rastejam habilmente pelas raízes do mangue. Como são ágeis, lisos, firmes e flexíveis ao ponto de parecerem contorcionistas dos mangues. Devido isso, esses trabalhadores acabam sujeitos a um certo grau de discriminação, à medida que carregam o estigma de “trabalhadores da lama”; de “fedorentos de lama”; de “unhas sujas”; de “homens-caranguejos”. Esses homens trabalham usando o corpo, rastejando-se feito um bicho, vive em meio à lama que é fétida, suja, podre; isso leva muitas pessoas associarem esse trabalho a símbolos de desprestígio, gerando, conseqüentemente, rótulos e estereótipos. É justamente sobre esses símbolos de *status* que circulam em certos ambientes, e em determinados grupos sociais, que o antropólogo Gilberto Velho discorre em seu livro *Utopia Urbana: (...) símbolos que expressam essa distribuição de poder dentro da sociedade. Esses símbolos são de desprestígio e status, e, em última análise expressam uma determinada visão de sociedade comum (...)* (VELHO; 2003, p. 55).

O desprestígio social, assim como as imagens que são veiculadas sobre catadores de caranguejo, acabam disseminando estereótipos e preconceitos. Para analisar tais processos, fizemos uma pesquisa com os catadores de caranguejo do Delta, mas precisamente, os catadores de Ilha Grande. Grande parte desses trabalhadores mora em um bairro Chamado Loquinha. É um lugar simples que, segundo os moradores, foi criado por seus avós e bisavós em meados da década de 60. Um bairro formado por umas 40 famílias. Grande parte delas é constituída por catadores de caranguejo, pescadores, e trabalhadores de roça. É um bairro desassistido, carente. Recordo que era motivo de humilhar alguém afirmar “fulano mora nos Loquinha”. Ou, quando se queria ofender alguém era só dizer “tu parece que vem dos Loquinha”. Morar nesse bairro era sinônimo de tudo o que era bárbaro, rustico, atrasado, feio, ridículo, asqueroso. Até porque, era lá onde viviam os “homens-caranguejos”.

Esse local – constituído por pescadores artesanais – era, antigamente, conhecido como Canto dos Espadachi. As roças foram diminuindo, e os peixes ficando cada vez mais escassos.

Não restava alternativa, a não ser, a cata do caranguejo. O lugarejo, composto por diversos catadores, acabou na década de 80, recebendo à alcunha de Canto dos Loquinha. O batismo simbólico se deve ao fato de que “Loquinha” faz uma alusão à loca do caranguejo; lugar onde o caranguejo se esconde, come, defeca, dorme, procria. Ele acabou sendo o refúgio dos caranguejeiros que eram vistos como seres repugnantes, por isso, deveriam ser afastados do centro e escondidos nas margens, nos buracos, nas locas. Esse lugar sofreu por muitos anos o estigma de ser habitados pelos homens-caranguejos, homens da lama, que não podiam se misturar com as pessoas “normais”, “limpas”, dos Morros da Mariana.

Friedrich Engels em sua obra *a Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra* expõe como se forma a maioria dos bairros pobres ingleses, conhecidos por sua má fama, afastado e empurrado para parte mais feia da cidade, escancarando o seu cotidiano, suas habitações e condições de vida: “(...) habitualmente, as ruas não são planas nem calçadas, são sujas, tomadas por detritos vegetais e animais, sem esgotos ou canais de escoamento, cheias de charcos, estagnados e fétidos” (ENGELS, 2010, p.70). Se as condições sociais a que estavam submetidos muitos trabalhadores pobres no mundo inteiro eram precárias, imaginemos o trabalho e a vida cotidiana daqueles que estão em condições mais vulneráveis, como é o caso dos homens e mulheres que atuavam em atividades extrativistas e pescadores artesanais.

O bairro dos Loquinhas - com suas casas de barro, com dois cômodos, poucos utensílios, feito de maneira irregular – foi visto como o lugar dos bichos caranguejos, que por causa de sua natureza crustácea, deveriam ficar escondidos, marginalizados. Esses catadores de caranguejo relatam que quando passavam com seus sacos e apetrechos de trabalho pela Avenida Martins Ribeiro (principal rua da cidade da Ilha Grande) eram metralhados por gritos debochados que diziam: “Olha aí gente, os caranguejos estão passando!” (JULINHO, 2012). Devido esse tipo comentário preconceituoso o Bairro dos Loquinha acabou sendo o refúgio de muitos desses trabalhadores. Um bairro que acabou adquirindo uma “má fama”.

Os caranguejeiros, visto como um bicho, conviviam com a opressão simbólica, até porque, levavam na pele o trabalho que desempenhavam. O corpo de um catador de caranguejo é um arquivo vivo, repleto de histórias de dor, fome, picadas de insetos, arranhões etc. E ser catador nos anos 60 e 70 era ainda mais delicado. A sociedade reagia e se posicionava de forma extremamente preconceituosa. Vejamos o relato do senhor Julinho sobre como era à vida social de um jovem catador nos anos 60:

Muitas moças se recusavam a dançar com catador de caranguejo. Muitas diziam: eu não quero passar essa vergonha na frente de todo mundo. Daniel; lembro como se fosse hoje. Era última noite de festejo. Naquele tempo se a moça gostasse do cabra ela segurava a mão dele a festa inteira. Estávamos eu e uma paquera, quando de repente apareceu um rapaz – naquele tempo ele era estudante de direito. Olhou a menina dos pés a cabeça e falou: o que você está fazendo com esse cara? E ela perguntou: por quê? Ele diz: esse cabra é um caranguejeiro, um bicho da lama (JULINHO, 2012).

A sociedade não via o catador de caranguejo com um trabalhador qualquer, mas como um bicho da lama, um ser nojentos que não era digno nem de ter sua mão apertada. Isso deve ter causado grande impacto na alta-estima desses trabalhadores. Muitos deles, vez ou outra, eram tomados por um sentimento de vergonha do próprio ofício. A dificuldade de arrumar namoradas, de estabelecer um relacionamento, de encontrar uma paquera era frequente. O fato de exercerem a profissão de catadores de caranguejo acabou influenciando em suas relações afetivas, pois único jeito era namorar as próprias meninas do bairro que não podiam recusar, pois também eram filhas de caranguejeiros. Por isso, nesse bairro, existe uma forte relação parental.

Eles relataram que os comerciantes não queriam vender suas mercadorias aos pobres e coitados caranguejeiros. “O dono da quitanda perguntava logo: é catador de caranguejo? Se for, pode sair, porque não vendo” (JOÃO PAULO, 2012). Eram párias que não deviam ter sequer vida social; doía nos olhos da sociedade ver os catadores de caranguejo dividir os mesmos espaços. Os catadores relatam que sempre eram ridicularizados em público: “Eitaaaa! Caranguejeiro não sabe nem pegar em copo de cerveja” (QUAJIRÚ, 2012).

A sociedade estigmatizava os moradores dos Loquinha como bichos rudes que tinham níveis de humanidade inferiores. Os próprios moradores do bairro, diante de tanta opressão, foram obrigados atribuir valores simbólicos, sociais e culturais à sua identidade. Como diz Pesavento (2008, p. 91) “(...) a identidade responde, também, a uma necessidade de acreditar em algo positivo e a que indivíduo possa se considerar pertencente”.

Os catadores lutavam a partir desse momento por um reconhecimento social de seu ofício, de suas praticas, atribuindo sentido ao Bairro Loquinha e a profissão de catador de caranguejo. O Sr. João Paulo relata essa busca por reconhecimento social e respeito:

A maioria dos caranguejeiros não aguentava mais ver o nosso lugar ser debochado. Então, criamos o time *Loquinhas Futebol Clube*, formado pelos próprios catadores de caranguejo. Meu irmão Tomás era o craque. Jogava

também o Abel, Nego Estevão, Carlito Piala. Era um timaço. Quando o time entrava no campo dos Morros era uma confusão. O nosso principal adversário era o SEMAR. O *Piranha* veio alguns anos depois. Levamos esse time para os quatro cantos da cidade. O objetivo era nos divertir e, claro, botar na cabeça da sociedade que éramos pessoas normais; que gostávamos de futebol, festa, cerveja como qualquer outra pessoa. (JOÃO PAULO, 2012)

Os moradores do Bairro buscavam, através dos espaços de sociabilidades, mostrar o seu valor, gerando um sentimento de pertencimento e de identidade ao lugar onde moravam. Lembramos o que propõe Sandra Pesavento: “As representações de identidade são sempre qualificadas em torno de atributos, características e valores socializados em torno daqueles que integram o parâmetro indenitário e se coloca como um diferencial” (2008, p. 90). A criação do *Clube de Futebol Loquinha*, em 1982, foi uma manifestação de valorização do capital simbólico do lugar. Essa iniciativa tinha o objetivo de mostrar que os catadores de caranguejo tinham direitos, capacidades. E, como atores sociais, necessitavam atuar nos espaços de sociabilidades, independente da profissão que exercem. Queriam mostrar que jogavam bola, se divertiam, dançavam, tomavam cerveja, compravam nos comércios, e deviam ser respeitados como qualquer pessoa.

O que podemos notar atualmente é que o preconceito, em relação ao Bairro dos Loquinha, tem diminuído. O bairro passou por um processo de urbanização – hoje já possui calçamentos, praças, creches. Existe um trabalho de reconhecimento da cultura produzido pelos catadores de caranguejo; isso é notório com o surgimento do “Festival do Caranguejo”; essa festa procura divulgar e enaltecer importância comercial e cultural da cata do caranguejo, sendo uns dos eventos culturais mais importantes da região Norte do Piauí.

O bairro dos Loquinha – frente a tantos rótulos e preconceitos - teve seu nome mudado para São Vicente de Paulo. O decreto de 2006 tinha o intuito de acabar de vez com a “má-fama” de ser o esconderijo dos *homens-caranguejos*. O poder público queria, através de uma simples mudança de nomenclatura, acabar com o preconceito encravado nas mentes das pessoas. Só que, acabou escondendo os estereótipos debaixo do tapete social. Mudanças de nome de bairros – que tem toda uma carga de sentido – são frequentes por parte do poder público que quer embelezar o ambiente, a linguagem, as palavras. Mas o interessante é que o nome Canto dos Loquinha não consegue desaparecer da mente dos moradores da cidade de Ilha Grande.

Os dramas dos mais velhos acabam respingando nós mais jovens. Uns conseguem fugir do ciclo do caranguejo, mas, muitos ainda são assolados por rótulos e preconceitos frutos das imagens, dos discursos e símbolos que se constituiu no decorrer dos anos.

Os catadores e os moradores do *Loquinha* – insistimos nesse nome – devem persistir nesse processo de valorização simbólica da cultura do caranguejo inspirando-se na fala de Chico Science, que dizia: “temos que criar um novo homem-caranguejo” (TESSER, 2007, p.12). Não o homem-caranguejo bicho, mas, o homem-caranguejo que sai da lama par se integrar, se misturar, fazer arte e cultura. As pessoas têm que entender de vez que o mangue não é essa representação do sujo, do repugnante, do fétido, e, sim, do lugar que é símbolo de fertilidade, diversidade e, claro, da vida.

### Referências:

- BARROS, José D`Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: vozes, 2004.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**; tradução de Lamberto Puccinelli. São Paulo, EPU, 1974.
- VELHO, Gilberto. **Utopia Urbana**; um estudo de antropologia social. Zahar, 6ª ed. Rio de Janeiro, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**; tradução de Francisco Bethencourt. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História cultural**. – 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- CASTRO, Josué. **Homens e Caranguejos**. -4ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- TESSER, Paula. **Mangue Beat: húmus cultural e social**. LOGOS 26: comunicação e conflitos urbanos. Ano 14, 1º semestre 2007.
- ENGELS, Friedrich. **A situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**; tradução de Jose Paulo Neto. São Paulo: Boitempo, 2010.

### Fontes:

- (JULINHO ) **Antônio Júlio Marques Araújo**. Conhecido como Sr. Julinho, 59 anos, catador de caranguejo e presidente da Associação dos catadores de caranguejo do Delta-Ucá de Ilha Grande. Entrevista cedida ao autor em 14 de abril de 2012.
- (QUAJIRU) **Raimundo Nonato Ferreira da Conceição**, conhecido por Sr. *Quajiru*, 70 anos, catador de caranguejo. Entrevista cedida ao autor em 23 de junho de 2012
- (JOÃO PAULO) **João Paulo Santos**, 68 anos. Catador de caranguejo. Hoje aposentado. Entrevista cedida pelo Sr. João Paulo ao autor em 22 de Junho de 2012.

Recebido em: 07 de junho 2013  
Aprovado em: 21 de agosto de 2013